

A LINGUAGEM APUNHALADA NA POESIA DE ABRAHÃO COSTA ANDRADE

The stabbed language in poetry of Abrahão Costa andrade

Wilbett Oliveira

Wilbett Oliveira é graduado em Letras/Língua Portuguesa (Universidade Federal do Espírito Santo). Pós-Graduado em Literatura Brasileira (Universo, RJ) e Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (Faculdade Alfa, SP). É autor de *Minimal lâmina* (Opção, 2017) e *Poestiagem* (Multifoco, 2017).
E-mail: wilbett@gmail.com

Resumo: analisa os pressupostos da poesia de Abrahão Costa Andrade no livro *Punhal a língua* (Opção, 2014), reiterando que as palavras neste livro transcendem o mero exercício metalinguístico e transcendem o estado puramente “pedra”, em sua forma morta, posta, escrita na página para atingir a sua dimensão mais suprema, Nele, o poeta (entre)tece com as palavras a tomada de consciência que ele tem tanto da perversidade quanto da capacidade delas de transcendência e que a poesia e a sua própria redenção.

Palavras-chave: Poesia. Análise literária. Abrahão Costa Andrade.

Abstract: analyzes the presuppositions of the poetry of Abrahão Costa Andrade in the book *Punhal a língua* (Opção, 2012), reiterating that the words in this book transcend the mere exercise metalinguistics and transcend the purely “stone” state, in its dead, written form on the page to reach its most supreme dimension, in it the poet (between) weaves with words the awareness of his perversity as well as his capacity for transcendence and poetry and his own redemption.

Keywords: Poetry. Literary analysis. Abrahão Costa Andrade.

34

A poesia é a minha
sacrossanta escritura,
cruzada evangélica
que deflagro deste púlpito.

Só ela me salvará
da goela do abismo.
Já não digo como fonte
que me religue
a algum distante céu,
mas como pinguela mesmo,
elo entre alheios eus.

[Waldo Motta, *Religião*]

O poema que abre o livro **Punhal a língua**, de Abrahão Costa Andrade, “Preâmbulo” (p. 9), como o próprio termo sugere, é um prenúncio do que o leitor encontrará em suas páginas. Dentre as diversas acepções do termo, a que mais lhe confere um significado mais apropriado é “palavreado vago que não vai diretamente ao fato” (Houaiss, 2015, grifo nosso). A imprecisão do termo “vago”, já de partida, denota todas as nuances, pluralidades de “eus” com que se depara o leitor. “Palavreado” porque neste livro as palavras são as matérias-primas de que se compõe o punhal poético de Abrahão, que as desfere como um açoite para exteriorizar as suas angústias, os seus (des) amores, rancores e o peso que o poema lhe sobrecarrega, e também ser atingido por aquilo que ele mesmo desfere. Eis o poema:

O sol, garganta do dia:
seu grito risca de luz
o canto das horas.

Diria o leitor desavisado que o sentido desse poema é muito vago. E é. Nesse poema, garganta, grito, canto se entrecortam, se correm, se redobram num desejo intenso do poeta em gritar (“Sol,

garganta do dia”) e de se fazer lume, inebriar-se, iluminar o mundo de poesia (“risca de luz”) e de se fazer poema (“canto das horas”).

O bardo brada, grita alto (“garganta do dia”) e usa o seu punhal poético para desferir suas angústias, sentimentos, ironias, pressentimento ao mesmo tempo em que também é atingido pelas palavras que desfere, pois deseja implodir-se em palavras, explodir as palavras: “cada palavra / é pólvora” (p. 55), pois a poesia é o que desperta, é a vida *ad infinito* passada a limpo. Nesse poema, notamos que é o canto do poeta que alimenta, ilumina os seus dias. Ou seja: ele canta (“garganta do dia”) para viver, pois sabe que o “fim do poeta (‘Sol’) é virar poesia” (‘risca de luz’) (Cicero, 2012, p. 17) em espaços que ele constrói mimeticamente, quais sejam: sonoro (“garganta”/ “grito”/ “canto”), luminoso (“sol”/ “luz”) e temporal (“dia” / “horas”).

O poema inicial deste livro bem poderia ser “XXVI”, (p. 69:

Tu que buscas
o sentido
não há sentido:
sentido se faz
ao sentir.

Esses versos nos remetem aos do poeta Antonio Machado, quais sejam: “Caminhante, não há caminho, / faz-se caminho ao andar.” “Sentido se faz / ao sentir” e fazer-se caminho ao andar é o esforço a ser dado pelo leitor para a captura dos possíveis sentidos que o texto possibilita. Embora toda leitura seja válida para cada leitor, é ele mesmo quem perde (e se perde) se não “chegar mais perto e contemplar as palavras”, pois não será capaz de preencher os vazios dos textos (Ramos, 2000, p. 57), de atribuir-lhe sentido, ainda que esse sentido seja feito ao ler o poema. Nesse sentido, o poeta quer nos alertar de que, também, “a verdadeira poesia é uma função de despertar”, no dizer de Bachelard (1990, p. 99). Despertar o leitor para a experiência de ser do eu-lírico e, também, para a reflexão de “ser” do leitor A ele, que se inicia, se embrenha nessa experiência, resta entender – como advertência que o poeta lhe faz (grifos nossos) - que

A palavra vem
antes do *sentido*.

A palavra é ave,
E o *sentido* voos
Improváveis. (p. 15)

[...]
a palavra é pedra
na vidraça do *sentido* (p. 43)

[...]
meu verso atravessa
a tua garganta
verte o leite do *sentido*
no envelope da palavra (p. 51)

Meu poema venta como árvores enlouquecidas
e as folhas caídas de meu poema
outono de fria indiferença
não fazem *sentido*
apenas se espalham (p. 54)

36

mas o leitor fica
com todo esse resto
a eternidade móvel dos *sentidos*
sem qualquer manifesto (p. 58).

Abraão nos persuade a “sentir” no momento em que usa a língua (palavra, sentido) como punhal. E o que o punhal neste livro quer sangrar? As palavras, diria. As palavras são (des)feridas, contidas na própria arma (“punhal”) de se vale o poeta para exprimir as suas ânsias. É no desferir, desfiar, desafiar as palavras nos poemas que os seus eus vários se revelam. No plano metalinguístico, o jogo, a brincadeira (“Eu corto a palavra como lenha” / só para ouvir sádico o seu crepitar”, p. 31) que o poeta (entre)tece com as palavras não é senão a tomada de consciência que ele tem tanto de sua perversidade (das palavras) quanto de sua capacidade de transcendência:

Deserto

Eu faço trança na pedra
(você pensa ser poesia o que digo).
Faço trança
e em seguida dou um nó
no umbigo
da pedra
até me renascer a madrugada
e eu voltar a sonhar
com as possíveis criaturas que sou.
Mas enquanto em meus olhos remanescer
a cegueira
(essa carência de ser homem de carne)
continuarei a trançar a pedra
até encontrar mulher e seus cabelos
e poder desfazer-me da pedra
(essas palavras)
displícitamente. (p. 10)

O poeta sabe que o homem comum (com um modo de ver o mundo apenas) jamais poderia se desfazer da “pedra”, ou até “em seus olhos remanescer a cegueira”, “homem de carne”, pois são “as possíveis criaturas que sou [somos]” é que nos possibilita(m) os desdobramentos do que posso/poderemos vir a ser. O que permite ao poeta encontrar a palavra ideal, “destrançada”, desfeita do seu sentido literal, em seus sentidos vários, plausíveis, pois, no dizer de Antonio Cícero (2012, p. 15), “o poema se desenvolve a partir de uma decisão - ou de um acaso inicial - (“faço trança em uma pedra”) até encontrar um sentido (im)possível, destrançado, desfeitas as “tranças” iniciais.

Ao “trançar a pedra” – tecer a palavra -, o poeta alimenta, realimenta e intensifica os seus alheios eus “(possíveis criaturas)” para chegar à feitura, à tessitura, ao seu produto final que é poema/pedra destrançada. Pedra tecida, palavra destrançada, o poema se realiza plenamente nos (dis) cursos poéticos, nos eus poéticos que se revezam, reinventam-se no próprios poemas que ele tece.

O exercício de “trançar a pedra” consiste em urdir palavras, tecer os sentidos para que elas se tornem poesia. É o exercício solitário (“deserto”) de escrever – o próprio ato de fazer-poema – é o que a transcendência, a passagem de um estado literal para outro poético que atinge a sua plenitude (“desfazer-me da pedra”).

No dizer de Ramos, “também as palavras tem seus crespos e avessos, de tal forma que um discurso mande pode conter, no de repente, um discurso bravo, que inesperadamente vem ali aparecer” (2002, p. 23), como se observa nos versos;

se tive amores? Tive
um punhal e a língua
presa como um **travo entre a boca**.
(Soledade, solitude, p. 19)

A fala **rasga** o silêncio
como a um presente se **rasga**;
desembrulhado o silêncio,
só então a fala fala.
(Silêncio fala, p. 21)

No plano existencial, notamos a revelação de seus eus (“possíveis criaturas que sou” – p. 10).

minha agonia bebe caldo de cebola
e banha-se trigueira em água de açude. (p. 13)

o que me cortou

de súbito

se fez carne

(e tísico)

tangeu a víbora cortina da janela. (Goethe, p. 17)

Em alguns poemas, instaura-se a visão niilista, o declínio ou recusa de suas crenças e convicções:

Não gosto de poesias.

Sobretudo eu detesto poesias [...]

não me traga para ler os seus versinhos.Porque **detesto, detesto, detesto poesias.** [...] (p. 23 – grifos nossos).

[...]

Não quero mais

de novo

ser poeta.

(p. 24 - grifos nossos)

Verdade, pois, o poeta sabe que é com palavras que se faz poesia. Não palavras em estado de pedra, brutas, amontoadas. Exaurir da palavra (pedra) o seu sentido mais amplo, é um exercício pluralmente metafísico que só os bons poetas sabem: “trançar pedra” ou “catar feijão”. Nos poemas de **Punhal a língua**, o poeta se nega, se supera e se transforma ao se explicar:

Escrevo porque sou contra a violência

e a linguagem é seu outro e minha camarada,

mas eis que **a violência também é****contra mim**

e rasga a palavra

no meio do silêncio

e arranca do silêncio

essa **palavra árdua**

súbito

a palavra é pedra

na vidraça do sentido

e o já sentido

é ele quem paga. (p. 43- grifos nossos)

Nesses versos, observamos que “as palavras são perversas (“rasga a palavra”), dizem, e desdizem, contradizem (“a palavra é pedra / na vidraça do sentido”) [...] são o *phármakon*, remédio e veneno, droga que tranquiliza ‘a linguagem é seu outro e minha camarada’ e

alucina, que cria e mata” (Ramos, 2000, p. 23). O poeta escreve para a sua própria redenção.

A poesia neste livro também “assume conscientemente uma função ontologia – quero dizer ao mesmo tempo uma experiência do ser e uma reflexão sobre o ser” (Starobinsky, 1970) como se verifica nos versos:

e **eu** voltar a sonhar
com as possíveis **criaturas que sou**.
(p. 9 – grifos nossos)

Não quero mais
de novo
ser poeta.
(p. 24 – grifos nossos)

Um poeta sem poemas
nem sempre é um **homem**
de papel, e de tristeza
um poço.
(p. 60 – grifos nossos)

Se a palavra fere, desfere e violenta, também tem a capacidade de causar estranhamento, pois o poeta a quebra com o princípio erótico da poesia, qual seja o de não revelar, mas ocultar, no dizer de Barthes (1999):

como o sêmen
erupta quente
do falo

da fala
erupta como vento
o sema

o falo goza (e/ou) semeia
a fala semeia (e) glosa. (p. 29)

p-o-e-m-a
e-s-p-e-r-m-a
nas pernas
da linguagem (p. 22)

Afrodisíaca é tua palavra cozida em banho-maria
cosida fio a fio
em poemas bons de se comer e de despir
(tricotê às avessas
na linha do tempo). (p. 29)

Esse prazer sensual e linguístico promove o desfazimento da aura de mistério, que culmina em uma implosão de significados. Ou seja, o erotismo na/da linguagem ou a “a autorrevelação do poema, ou o pornográfico, ao expor o que deve estar oculto, leva à mudez da palavra e, portanto, novamente ao silêncio” ou ao fazer-se o “já sentido” (Almeida; Leite, 2008, p. 133).

As palavras, em **Punhal a língua**, transpassam, o mero exercício metalinguístico e transcendem o estado puramente “pedra”, em sua forma morta, posta, escrita na página para atingir a sua dimensão mais suprema, o “palavreado vazio”, de que falamos no início. Vazio por que está destituído do sentido perfeito, estanque, como um “rio sem discurso”.

Por fim, Abrahão sabe que “poesia é anotação de uma resposta, mas a distância entre essa resposta, o homem e a palavra é quase ilegível e inaudita” (Lima, 1996, p. 19) e que a poesia é a sua própria redenção. A poesia de Abrahão é, no dizer do poeta Waldo Motta, um “elo entre alheios eus”.

40

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Abrahão Costa. *Punhal a língua*. São Paulo: Opção, 2014.
- ANTONIO CÍCERO. *Poesia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. SP: Martins Fontes, 1990.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. 2014.
- LIMA, José Lezama. *A dignidade da poesia*. SP: Ática, 1996.
- MOTTA, Waldo. *Transpaixão*. Vitória: Edições Kabungo, 1999.
- RAMOS, Maria Lucia. *Interfaces: literatura, mito, inconsciente, cognição*. Belo-Horizonte: UFMG, 2000. (Humanitas), 296 p.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obscuro*. SP: Cia das Letras, 1970.
- ALMEIDA, Geruza Zelnys de, LEITE, Cristiane Fernandes. Erotismo e Religião: Cópula e Comunhão. Estudos acerca da poesia de Hilda Hilst e Adélia Prado. In: FERRAZ, S., et al.,orgs. Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008. 364 p. ISBN 978-85-7879-010-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

Texto recebido e aprovado em Outubro de 2017.